

IN MEMORIAM

ALBERTO VIEIRA (1956-2019)



MEMÓRIA E IDENTIDADE INSULAR

Religiosidade, Festividades e Turismo nos Arquipélagos da Madeira e Açores

CHAM | UNIVERSIDADE DOS AÇORES

ISBN: 978-989-20-9631-5, VELAS, S. JORGE, AÇORES (2019)

PP. 13 - 20

MEMÓRIA E IDENTIDADE INSULAR
Religiosidade, Festividades e Turismo
nos Arquipélagos da Madeira e Açores

Coordenação

Duarte Nuno Chaves

CHAM — Centro de Humanidades
Santa Casa da Misericórdia das Velas
Velas, S. Jorge
2019

FICHA TÉCNICA

Título *MEMÓRIA E IDENTIDADE INSULAR*
Religiosidade, Festividades e Turismo
nos Arquipélagos da Madeira e Açores

Coordenação Duarte Nuno Chaves

Autores Vários

Edição – CHAM – Centro de Humanidades | Faculdade de
Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova
de Lisboa e Universidade dos Açores
– Santa Casa da Misericórdia das Velas, S. Jorge

Capa e Paginação CEHA (Gonçalo Mendes)

Fotografia da capa Paulo Rafael

Tiragem 400

Depósito Legal 457109/19

ISBN 978-989-20-9631-5

Data de Saída 2019

Execução Gráfica Nova Gráfica Artes Gráficas
Rua da Encarnação, 21 Fajã de Baixo
9500-513 Ponta Delgada São Miguel - Açores

Apoios



Esta edição foi financiada pela Secretaria Regional do Mar, Ciência e Tecnologia do Governo Regional dos Açores (M3.3.c/Edições/002/2019) e contou com o apoio da Direção Regional da Cultura | Centro de Estudos de História do Atlântico Alberto Vieira, no âmbito do projeto de Pós-doutoramento com a referência “M3.1.a/F/003/2016” do Fundo Regional da Ciência e Tecnologia.

IN MEMORIAM



ALBERTO VIEIRA (1956-2019)

RECORDANDO ALBERTO VIEIRA

Avelino de Freitas de Meneses

Conheci Alberto Vieira no ano já longínquo de 1982, aquando do seu ingresso, na condição de assistente estagiário, na Universidade dos Açores. Da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, trazia o gosto pela História dos Descobrimentos, que lecionou até ao seu retorno à Madeira, muito determinado pela criação em 1985 do Centro de Estudos de História do Atlântico. Também amante dos temas da economia, estudou as culturas do açúcar e do vinho, e igualmente as práticas da escravatura, que lhe serviram de tema de dissertação de doutoramento, ainda defendida na Universidade dos Açores, mas já em 1991.

Na dimensão espacial, Alberto Vieira partiu sempre da averiguação da sociedade madeirense, mas confrontou-a constantemente com as realidades açoriana e canária. Assim, buscava melhor entendimento para as características e sobretudo para as afinidades do braudeliano Mediterrâneo atlântico, já reconhecido como conjunto bem singular pelos antigos geógrafos, também pelo modernista Gaspar Frutuoso, que transformara as *Saudades da Terra* em compêndio de história da Macaronésia. De facto, o primeiro trabalho académico de Alberto Vieira versa sobre o comércio entre os Açores, a Madeira e as Canárias no século XVI. Por acréscimo, na sucessão do tempo, converteu o Centro de Estudos de História do Atlântico em polo de investigação sobre ilhas e arquipélagos, independentemente do seu posicionamento na imensidão dos mares.

Na aceção temporal, Alberto Vieira foi essencialmente um historiador da Idade Moderna. Todavia, à semelhança de muitos outros ilhéus, tocados

pelas transformações políticas hodiernas, que permitiram a conquista da autonomia e da independência e incentivaram a aspiração de maior desenvolvimento, também se aproximou da frescal contemporaneidade. Assim, explorou os temas autonómicos, um esforço vertido numa das poucas tentativas de, pela via científica, calcular a extorsão financeira praticada pela metrópole sobre as parcelas do Além-Mar, mais próximas ou mais longínquas.

Após a sua morte, que viva o Centro de Estudos de História do Atlântico, através do contínuo desenvolvimento da investigação científica e da extensão cultural. Numa terra pequena, dotada de recursos finitos, não propriamente infinitos, a aproximação à Universidade da Madeira talvez constitua uma boa solução, fundamentalmente porque juntos parecemos mais e fazemos mais.

NA COMPANHIA DE ALBERTO VIEIRA

Maria Beatriz Rocha-Trindade

Evocar alguém de quem se gosta conduz a uma recordação que dá prazer e transporta a espaços de convívio, à partilha de atividades profissionais e, dentro delas, a colaborações que articularam vontades de participar em projetos comuns, qualquer que fosse a forma que assumiam. É por isso que Alberto Vieira continua e continuará entre nós, ocupando um lugar insubstituível no espaço académico português.

Tanto o continente como os arquipélagos, a que dedicou uma especial atenção, constituíram o seu objeto de estudo. Apesar do apego à região onde nasceu e onde viveu, conseguiu deslocar-se além-fronteiras, tendo adquirido uma visão alargada do vasto mundo que se estendia em torno da sua Ilha.

Lançou um olhar sobre a posse e domínio de terras, a forma como foram e continuam a ser geridas; ainda, sobre o comércio praticado por locais e por estrangeiros, que muito influenciou a instalação da multiculturalidade e foi modelando a estrutura económica subjacente à hierarquia social estabelecida.

A localização atlântica do arquipélago conduziu a que a mobilidade característica das ilhas ocupasse um espaço relevante na orientação temática que prosseguiu. Através do volumoso conjunto de dados, resultante da investigação que todos conhecem, projetou muitos aspetos essenciais da His-

tória sobre a terra e as gentes que desde há séculos a povoaram e também de onde muitas vezes foram obrigados a partir.

Privilegiando a memória como fator de registo de vivências diversas com que muitos se identificavam, conseguiu evidenciar a importância do conhecimento obtido através de relatos orais e congregar públicos numerosos no auditório do Centro de Estudos de História do Atlântico que dirigia. A audição de relatos de vida e o acesso aos textos ilustrados que se seguiam, fizeram permanecer recordações que de outro modo se teriam perdido.

A metodologia utilizada articulava a potencialidade da pesquisa em arquivo com a riqueza da informação obtida pelo contacto direto com “inquiridos”, que conseguia motivar e que passavam a fazer parte das equipas do próprio CEHA.

O simbolismo do “Projeto Nona Ilha” tenta reconstituir como se fixou e evoluiu a presença madeirense em território disperso pelo mundo. País por país, iriam sendo em cada ano acrescentadas peças de conhecimento como se de um puzzle se tratasse.

AO DOUTOR ALBERTO VIEIRA

Cláudia Faria e Graça Alves

Ainda nos doem as palavras. Custa-nos entender as razões do tempo ou da vida ou da morte. Custa-nos aceitar o mistério dos fins. Custa-nos abrir a porta deste livro, sabendo que o Doutor Alberto Vieira não vai estar presente, no momento da sua apresentação.

O seu olhar insular ficará, contudo, inscrito na História que escreveu, ao longo da sua vida inteira, no para-sempre que dura a memória coletiva de um povo.

Embarcamos com ele em viagens aos Açores. Foi ele que nos ensinou a amar esse arquipélago, onde viveu, onde estudou, onde ensinou, aonde ia, sempre que havia oportunidade. Embarcamos com ele nesta viagem pela MEMÓRIA E IDENTIDADE NO MUNDO INSULAR. Deixou-nos antes do tempo, não sem antes nos explicar a importância de não quebrar os laços que abraçam a Madeira e os Açores, de não quebrar os laços que ligam as (nossas) ilhas ao mundo.

O seu trabalho uniu várias margens do mar. Sendo um homem das ilhas, levou o seu nome ao mundo inteiro e colocou-as no centro das suas palavras. Ensinou-nos a humildade dos sábios e a simplicidade dos que procuram sempre ir mais além.

Será sempre para nós o Professor. Deixou-nos caminhos traçados e convidou-nos a ir com ele à procura de mais.

Ainda nos doem as palavras. Fica a homenagem. E a gratidão.

A MARCA PERENE DE UM INSULAR DISCRETO

Carlos Guilherme Riley e Margarida Sá Nogueira Lalanda

Começámos juntos, o homenageado e os subscritores destas linhas, o nosso trajeto universitário no Outono de 1982, quando ingressámos, na (agora extinta) categoria de assistentes estagiários, no então Departamento de História da Universidade dos Açores para lecionar um leque diversificado de cadeiras na área de História Medieval e outras. Ao Alberto Vieira coube assumir a regência da cadeira de História Económica e Social (séculos III-XIV) e, depois, de outras relativas à Época Moderna (séculos XV–XVIII). Ao longo dessa primeira etapa da sua carreira, passada na Universidade dos Açores entre 1982 e 1986, participou em importantes reuniões científicas, como o I Colóquio promovido pelo Instituto Histórico da Ilha Terceira sobre os Açores e o Atlântico e a “Semana de Estudos sobre a Historiografia insular”, em que já estavam bem presentes a dimensão atlântica e comparativa do estudo dos arquipélagos da Macaronésia. Não foi, pois, por acaso que escolheu como objeto do seu primeiro trabalho de vulto, com que ficou aprovado nas provas académicas que o conduziram ao grau de Assistente, “O comércio inter-insular nos séculos XV e XVI: Madeira, Açores e Canárias”.

Em 1986 o Alberto Vieira voltou à ilha natal para fundar o Centro de Estudos de História do Atlântico, integrando a sua primeira Direção, mas nunca rompeu por completo os seus laços à Universidade dos Açores e nela obteve em 1991 o seu grau de Doutor em História dos Descobrimentos e da Expansão Portuguesa, com uma tese intitulada “Os escravos no arquipélago

da Madeira”, trabalho por muitos considerado pioneiro pelo aprofundamento do objeto de estudo nele versado.

Ao longo da década de 1990 o Centro de Estudos de História do Atlântico promoveu com regularidade Colóquios e Congressos internacionais onde muitos de nós, antigos colegas seus na Universidade dos Açores, tivemos oportunidade de divulgar os nossos trabalhos e linhas de pesquisa, mantendo assim viva uma ligação inter-arquipelágica entre os Açores, a Madeira e as Canárias que constitui hoje, com a paisagem institucional dos Centros de Investigação do século XXI aliada à renovada dimensão historiográfica do Atlântico e dos Estudos Insulares, um legado coletivo inestimável de que o Alberto Vieira foi destacado obreiro, tão discreto quanto persistente.

Empenhou-se ativamente, ao longo de quatro décadas, na pesquisa sobre História da Madeira, bem como sobre história comparada desta com o arquipélago das Canárias e o dos Açores nos séculos XV a XVIII, o comércio inter-insular, o açúcar de cana, o vinho e a vinha, cereais, escravos, e ainda as instituições de poder político (com destaque para as municipais), as reflexões sobre as especificidades das ilhas, e as fontes arquivísticas, entre outras temáticas. Para além do seu vasto e diversificado legado historiográfico, que permanecerá vivo para proveito das gerações mais novas, gostaríamos de deixar aqui gravadas duas palavras de estima e saudade pelas qualidades humanas do Alberto, um homem que falava baixo e pensava alto.

